

QUESTÕES SOBRE A INFÂNCIA E A FALA DA CRIANÇA NA TEORIZAÇÃO SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.

Maria Fausta C. PEREIRA DE CASTRO

Instituto de Estudos da Linguagem

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

RESUMO

Neste trabalho a fala da criança é interrogada pela sua relação com a noção de infância, a partir do problema da aquisição de linguagem. Para o filósofo G. Agamben infância e linguagem remetem circularmente uma à outra. No Curso de Linguística Geral Saussure faz alusão indiretamente à questão da aquisição ao dizer que a “língua é tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade”. No processo de aquisição isso se dá pelo encontro da criança com a fala do adulto. Cabe então encaminhar uma pergunta inicial a que daremos sequência ao longo do trabalho: qual o efeito dessa fala no corpo do infans?

RÉSUMÉ

Dans cet article la parole de l'enfant est interrogée par sa relation avec la notion d'enfance à partir du problème de l'acquisition du langage. Pour le philosophe G. Agamben enfance et langage semblent renvoyer circulairement l'un à l'autre. Au Cours de Linguistique Générale Saussure, à son tour, fait mention indirecte à la question de l'acquisition en affirmant que la langue « est un trésor déposé para la pratique de la parole dans les sujets appartenant à une même communauté ». Au cours du processus de l'acquisition du langage ce fait a lieu à partir de la rencontre de l'enfant avec la parole de l'adulte. Il faut donc poser une question initiale à laquelle nous donnerons suite au long de cet article: quel est l'effet de cette parole sur le corps de l'infans?

O tema da aquisição de linguagem traz com ele indagações - explícitas ou não - sobre a criança e a infância, termos construídos e definidos em uma rede discursiva que abrange campos teóricos diversos, como a filosofia, a psicologia (sobretudo aquela nomeada como “do desenvolvimento”) e a psicanálise. A linguística, por sua vez, ainda que assuma o compromisso com a elaboração de uma hipótese sobre a aquisição de linguagem, não se pergunta sobre o que é ser uma criança e a infância é muitas vezes reduzida a uma perspectiva cronológica, o estrato de um tempo de vida. O conceito de “período crítico”, cunhado por Lennenberg em 1967, é um exemplo ainda atual do modo como a infância entra na elaboração teórica da gramática gerativa; reconhecida exclusivamente como um problema de maturação¹.

Os estudos mais sistemáticos sobre a aquisição de linguagem e sobre a particularidade da fala da criança começam a partir do final do século XIX² e primeira metade do século XX, através dos trabalhos de intelectuais chamados “diaristas” pela dedicação desses autores à notação da fala de crianças em diários.

Esses registros mostram uma minuciosa descrição e uma reflexão mais intuitiva e menos teórica sobre a aquisição da linguagem pela criança. As notas de James Sully, as mais antigas desse extenso acervo, constam do seu livro de 1895 - *Estudos sobre a infância* - em que o capítulo consagrado à linguagem da criança se chama “O pequeno linguista”.

Não deixa de ser intrigante um título como esse para descrever a relação da criança com a língua. De fato, o estudo sobre as condições de visibilidade do *infans* para o investigador aponta para a opacidade

¹ Ver Pereira de Castro (2006) para uma discussão sobre a questão. Ver também em Cyrino (1999), a apresentação do ponto de vista de alguns autores gerativistas que defendem a hipótese de que a GU não seria acessível para o aprendiz de L2, nos casos em que essa aquisição se dê depois do chamado período crítico.

² James Sully em 1855 e na primeira metade do século XX inúmeros intelectuais como Vinson, Grégoire (aquisição do francês), Lewis (1936, inglês) e o de Leopold (1939, sobre a aquisição bilíngue alemão-francês).

de um ser inacabado, que precisa da aposta do outro-adulto para vir-a-ser como falante. Nesse sentido, a expressão “pequeno linguista” diz de uma perspectiva que assegura de antemão um futuro, considerado como o ápice de um processo, e não uma interrogação sobre a sua trajetória, entendida aqui como mudança. Mesmo quando a criança fala da linguagem, e ela o faz com frequência, sua posição não é a do linguista e o investigador deve manter seu compromisso com a escuta de uma fala de criança, de uma criança, na sua heterogeneidade frente a do adulto falante. Feito o corte, é possível pensar a mudança a partir de uma formulação não cronológica, não sucessiva da infância ³. Esse foi o gesto teórico de De Lemos ([2000] 2006) em uma crítica à noção de desenvolvimento na Aquisição da Linguagem e de Agamben ([1978] 2008), na Filosofia, ao propor um modelo estrutural para a relação entre infância e linguagem.

Essa observação não deve obliterar o mérito dos diaristas: deve-se a eles uma metodologia de trabalho hoje chamada “longitudinal”. Através de um estudo descritivo valioso, eles foram os primeiros a dar visibilidade à mudança no campo da aquisição de linguagem.

O problema é, entretanto, menos empírico ou descritivo, que teórico. É preciso pensar a mudança enfrentando a cada etapa da teorização a questão que a ordem própria da língua impõe aos estudos em aquisição de linguagem e ao modo como o investigador pensa a criança. Mesmo levando em conta a sua natureza heterogênea em relação à língua – a alteridade radical dessa última frente ao humano - não é menos verdade que é nela e por ela que a criança se constitui como sujeito.

³ Vale lembrar que o expediente de Sully, ao tratar a criança como pequeno linguista, não foi abandonado por pesquisadores contemporâneos. Cito, por exemplo, Karmiloff-Smith ([1992] 2000). Ela recorre às expressões “a criança como linguista”, “a criança como psicólogo”, “a criança como físico” e assim por diante, para dar título aos capítulos de um livro no qual trata o desenvolvimento infantil como um processo reiterativo de “redescrição representacional”, ou RR. Esse modelo pretende explicar como surge o acesso consciente ao conhecimento e como as crianças constroem suas teorias sobre os mais diversos domínios.

Lier-de Vitto e Carvalho (2009) expõem com pertinência os riscos da empreitada, mostrando que o Interacionismo em Aquisição de Linguagem não se esquiva ou se recusa ao “esforço de teorização”, procurando sustentar o impasse entre “o compromisso com a criança (enquanto vir-a-ser falante) e com a teorização (com o constante vir-a-ser da teoria)”.

Pergunta-se Carvalho em outro artigo, citado no primeiro.

“O investigador, na sua tentativa de aplicar uma determinada teoria a falas de crianças – ou, melhor dizendo, ao se fixar nessa tentativa - não estaria esquecendo o problema da relação entre o seu compromisso com a escuta dessa fala e o ideal da teoria (de generalização e de universalização)? Não estaria o investigador esquecendo, conforme apontou Milner (1989), o problema da assimetria entre tipos abstratos e ocorrências irregulares? (Carvalho, em Lier de Vitto e Carvalho, 2009)”

No livro “*Infância e História. Destruição da experiência e origem da história*” (*op.cit.*) Giorgio Agamben apresenta uma reflexão sobre a infância e a linguagem que promove, em parceria com Benveniste, o encontro deste trabalho - com o tema da mesa redonda em que se ele se inseriu, isto é, “A criança e a enunciação”.

Para o autor a infância encontra o seu lugar lógico na relação entre experiência e linguagem, “(...) um *experimentum linguae* no sentido próprio do termo, em que aquilo de que se tem experiência é a própria língua” (Agamben, *idem*: 11). Infância e linguagem remetem circularmente uma à outra; a infância é a origem da linguagem e a linguagem a origem da infância.

Essa experiência, a infância tal como está em questão no livro de Agamben, não pode simplesmente ser vista como algo que precede cronologicamente a linguagem e que, a certo momento, deixa de existir para passar à palavra; a infância coexiste com a linguagem, que a expulsa para produzir, “a cada vez, o homem como sujeito” (Agamben, *idem*: 59).

A experiência da infância excede aquilo que diz respeito à criança, que não é quase mencionada no texto, embora esteja ali presente circulando na formulação da “teoria da infância”, que tanto responde a uma questão sobre a natureza da linguagem como mostra sua pertinência para o campo da aquisição no processo de constituição de um sujeito falante.

O ponto de partida de Agamben é o problema formulado por Benveniste em três textos – *Os níveis de análise linguística, Forma e sentido na linguagem e Semiologia da Língua*⁴ - que o levam a distinguir na linguagem uma “*double signifiçãce*”,⁵ ou seja, “dois modos de significação discretos e contrapostos: o semiótico e o semântico” (Agamben, *idem*: 66).

“O semiótico designa o modo de significação que é próprio do SIGNO linguístico e que o constitui como unidade. (...) A única pergunta que o signo suscita é a da sua existência. (...) Com o semântico, entramos no modo específico de significação gerado pelo DISCURSO. (...) A ordem semântica identifica-se com o mundo da enunciação e com o universo do discurso” (Benveniste, 64. Ênfases do autor e minha tradução).

Para Agamben a divisão de Benveniste é diversa e mais complexa que a dicotomia saussuriana entre língua e fala - *langue e parole*. Ela estaria mais próxima de outra formulação de Saussure, em manuscrito antes inédito, e que agora se lê nos *Escritos de Linguística Geral* (2004) sobre a passagem da língua para o discurso: “A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua ou o que, em dado momento, permite dizer que a língua *entre em ação como discurso?*” (Saussure, 2004:237, itálicos do autor)⁶. Assim formulada, ainda que a interrogação

⁴ Todos reunidos em *Problèmes de linguistique générale* vols I e II ([1966] 1974).

⁵ Em francês na tradução brasileira.

⁶ A esse respeito é interessante ler no mesmo volume uma nota do autor, [fala efetiva e fala potencial], na pag. 58.

saussuriana não tenha sido nesse momento objeto de uma reflexão mais detida por Agamben, ela não é por isso eliminada. Em confluência com o que afirma Benveniste - “O mundo do signo é fechado. Do signo à frase não há transição, nem pelo sintagma nem de outro modo. Um hiato os separa” (Benveniste, *in* Agamben, *idem*: 67) - Agamben relê a pergunta saussuriana e a reinterpreta: “por que a linguagem humana é constituída deste modo, comportando originalmente este hiato? Por que existe uma dupla significação?” (Agamben, *idem: ibidem*).

Para o autor a teoria da infância, como dimensão original do homem, vem em resposta a esse problema e fornece a razão do fosso entre semiótico e semântico, entre língua e discurso. “Na medida em que possui uma infância, em que não é sempre já falante, o homem não pode entrar na língua como sistema de signos sem transformá-la radicalmente, sem constituí-la como discurso” (Agamben, *idem*: 68). Movimento que inclui a trajetória do *infans* para a linguagem e também a passagem reiterada de uma instância a outra – da língua para o discurso - ao longo do percurso do sujeito enquanto falante.

O modelo estrutural de Agamben abre espaço para se pensar a infância constituindo-se no próprio movimento da linguagem, condensando nessa relação as frequentes indagações sobre origem e mudança. Desse modo é possível aproximá-lo – guardadas suas inúmeras diferenças - da reflexão saussuriana ao discutir a natureza da linguagem - ao mesmo tempo “um sistema estabelecido e uma evolução” - momento em que o autor invoca a criança para se perguntar se o problema seria mais simples caso se considerasse o fenômeno linguístico nas suas origens, por exemplo, pelo estudo da “linguagem das crianças”. Sua resposta é uma advertência sobre o erro de se “crer que em matéria de linguagem o problema das origens difira das condições permanentes (...)” (Saussure, [1916] 2008: 16)⁷. Condições essas determinadas pela língua na sua ordem própria.

⁷ Nos *Escritos de linguística geral* ele diz: “é uma idéia muito falsa acreditar que o problema da origem da linguagem é um problema diferente do de suas transformações”. (pag.139).

É também nesse sentido que De Lemos (2002, entre outros) atribui à língua uma função de “captura” do *infans* para a linguagem, no decorrer de um processo de subjetivação. Considerada na sua “anterioridade lógica relativamente ao sujeito”, a língua não só o precede como o captura no seu modo de funcionamento.

É pelos efeitos da fala do adulto no corpo do *infans* que se pode pensar o processo de captura da criança pela língua. Nas palavras de Saussure ela (a língua) é “tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade” ([1916]2008: 21).

Um dos princípios que norteiam a teorização e pesquisa no Interacionismo em Aquisição de Linguagem é o reconhecimento - teórico e metodológico- dos efeitos da fala do outro na fala da criança. Desde 1982, quando Cláudia Lemos apresentou os processos dialógicos como uma “metalinguagem alternativa”, que propõe o diálogo como unidade de análise, o pesquisador se vê frente ao fato de a fala da criança ser determinada pela fala do outro. Por outro lado, o processo de incorporação dá a ver o erro que comparece no diálogo como diferença entre a fala incorporada pela criança e aquela do adulto. A não coincidência entre eles faz do diálogo lugar de interpretação por parte do adulto (mãe, pai etc.), o que acontece na tensão entre “identificação ou reconhecimento” - da fala de uma criança, do que soa ao adulto como familiar “essa é a minha língua”, “esse é o meu bebê” etc. - e o “estranhamento” provocado pelos deslocamentos que ocorrem na fala da criança, sob os efeitos do funcionamento da língua. (Pereira de Castro 1995; 1998, entre outros).

Uma das questões decorrentes dessa escolha teórica e metodológica é saber em que observatório se põe o investigador para a análise das manifestações da criança.

Trago aqui dois breves episódios de fala de uma criança que impõem o problema da acessibilidade do investigador à trajetória da fala da criança no momento mesmo da enunciação isto é, na cadeia da fala em ato ⁸.

A esse respeito merece destaque uma observação de Benveniste (1974, vol. II), que cito na íntegra:

“O discurso, digamos, que é produzido a cada vez que falamos, essa manifestação da enunciação, não seria simplesmente a fala (parole)? – (o próprio autor responde)– “É preciso lembrar a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado e não o texto do enunciado que é nosso objeto (...). A relação do locutor com a língua determina as características linguísticas da enunciação” (*op.cit.*: 80).

E continua mais adiante: “Antes da enunciação, a língua é apenas a possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita outra enunciação de volta”. (*idem*: 81-82).

Por outro lado, nos *Escritos de Linguística Geral*, além das observações de Saussure sobre a relação entre língua e discurso, mencionadas há pouco, encontramos notas que revelam a preocupação do autor com o “ato linguístico”. Eis aqui uma delas.

“Os fatos linguísticos podem ser tidos como o resultado de atos de nossa vontade? Tal é portanto a questão. A ciência da linguagem, atual, lhe dá uma resposta afirmativa. Só que é preciso acrescentar, imediatamente, que há muitos graus conhecidos, como sabemos, na vontade consciente ou inconsciente; ora de todos os atos que se poderia pôr em paralelo, o ato linguístico, se posso chamá-lo assim, tem a característica

⁸ Esses mesmos episódios estão incluídos no artigo que publiquei no nº 46, vol. 23 da revista *Organon* “Sobre a constituição dos *corpora* no campo da aquisição da linguagem”.

[de ser] o menos refletido, o menos premeditado e, ao mesmo tempo, o mais impessoal de todos” (Saussure, 2004: 132)

Passo então aos episódios

- 1 - (criança conversando com a avó, enquanto passeiam pelo bairro. A um certo momento, sentadas em um banco, sem que o tema estivesse em questão, a criança diz)

C: Eu não tavu batendo na Capitu, meu caçôlo.

A: Não?

C: Não, (é?) puque eu num gótu dele (a?)

(L:2;6.2)

- 2 - (preparando-se para ir à casa dos avós paternos para se encontrar com o primo, de quem é muito próxima. Sem que ninguém lhe faça alguma recomendação a criança comenta)

C: Eu num vô batê no Tiago puque, puque, eu num gótu dele.

L: 2;6.3).

Eis aqui dois episódios que surpreendem o investigador pela contradição que criam. Há neles uma inversão da direção argumentativa dos textos familiares que habitualmente circulam nas relações entre pais e crianças: “quem gosta não bate”, “se você gosta então não bata” e tantos outros. Na fala da criança a retroação do segundo segmento sobre o primeiro promove no encadeamento um efeito argumentativo às avessas, isto é, “não bater porque não gosta”. Embora nada tenha sido perguntado à criança, sua fala é uma quase-resposta, isto é, põe à mostra o que Benveniste considera como característica geral da enunciação: “a acentuação da relação discursiva com o outro” (“partenaire”), que ele seja real ou imaginário, individual ou coletivo” (Benveniste, *idem*: 85).

Diante desses fatos, deve-se perguntar sobre a origem desses enunciados. A enunciação como evento evanescente, que antes é outro (“a língua como possibilidade da língua”) e depois já se transformou (“a língua efetuada na instância do discurso”), cifra sua própria trajetória, resistindo a qualquer interpretação que a tome como passível de um acesso direto.

É preciso partir então dos frequentes diálogos entre adulto e criança no esforço de apreender a singularidade desses episódios, isto é, tomá-los como decorrentes de perguntas dirigidas pelo adulto à criança, com o recurso ao operador de negação *não*, mas que do ponto de vista semântico e pragmático são interpretáveis como um pedido de confirmação da parte do enunciado que está sob o escopo do operador de negação:”; “*voce não gosta dele? Então...* (cuja glosa seria: não é verdade que “você gosta dele?”).

É plausível dizer que o erro ou deslocamento ocorre no momento em que a criança toma o enunciado interrogativo do outro em bloco, mas sob a forma de uma asserção em primeira pessoa, o que o torna efetivamente interpretável como uma negação - “*eu não vou bater... porque eu não gosto dele*”. A prosódia tão característica da interrogação, que marca nesses casos o enunciado como um pedido de confirmação, não teria aqui promovido o efeito esperado na escuta da criança; na asserção há a passagem para a primeira pessoa, mas a presença e posição do operador de negação na cadeia não se alteram. A transposição do enunciado do outro na fala da criança tem como efeito, além da inversão da direção argumentativa, uma opacidade integral do que se poderia dizer sobre a sua intenção.

Essas questões abrem um espaço de interrogação em que se move o investigador para retrazar a rede de relações por que estão unidas a fala da criança, a do adulto e a língua com sua ordem própria; fato que impede tanto uma visão dual do diálogo como a assunção de uma coincidência ou simetria entre seus participantes⁹.

⁹ Sobre essa questão, ver Pereira de Castro (2004).

Os episódios aqui analisados mostram ao mesmo tempo um fenômeno específico a toda criança e, portanto, generalizável – o constante processo de incorporação da fala do adulto – e um fato singular, isto é, a irrupção de uma fala imprevista. Parafraseando Benveniste, é possível dizer que a relação da criança com a língua e com a fala do outro determinou as características linguísticas do ato de enunciação.

Antes de terminar este artigo uma nota se faz necessária: não é apenas no campo da aquisição de linguagem que os conceitos de infância e criança se impõem, exigindo que os retiremos de uma simples cronologia.

É quase obrigatório também mencionar a esse respeito o pensamento freudiano, que foi continuamente atravessado pelas questões relativas à criança. Ele interpreta a sua fala, examina e se pergunta sobre o seu comportamento e elabora notas sobre os anos da infância. Entretanto, convencido da impossibilidade de sua observação direta formula o conceito de “infantil” a partir da análise de adultos, isto é, do que esses últimos constroem sobre o que teria sido a sua infância.

Vorcaro (1997) faz uma minuciosa análise dos modos de presença da criança em Freud e nota que nos *Três ensaios sobre a teoria sexual* pode-se observar “a posição secundária da observação da criança em relação às investigações sobre o infantil em psicanálise” (*op.cit.*:52). Seus comentários sobre a questão metodológica formulada por Freud, são importantes para que se interroguem as supostas evidências dos conceitos como infância, criança e infantil. Diz a autora:

“A observação direta da criança oferece ao próprio Freud mais o lugar de “certificação de inferências” e de “testemunho da confiabilidade do método psicanalítico”¹⁰ do que o campo propício à investigação e teorização”. Para Freud é necessária concomitância entre a *investigação psicanalítica* que remonta à infância e a *observação contemporânea* da própria criança como métodos conjugados (...) (Vorcaro, *op.cit.*: 52-53. Itálicos da autora).

¹⁰ A autora cita aqui Freud nos “*Três ensaios...*” na edição de 1992 da Editora Amorrortu, sem menção à página.

Mesmo reconhecendo a impossibilidade de sua observação direta, a reflexão sobre a criança tem para Freud um valor heurístico (Pereira de Castro, 2010), o que levou Michel Gribisky (1987) a afirmar, no prefácio da edição francesa dos *Três ensaios sobre a teoria sexual* ([1905]1987), que a criança é para o autor “provocadora de teoria”.

A pertinência dessa observação me leva também a concluir que nas indagações sobre a aquisição de linguagem a fala da criança oferece resistência à teoria, constituindo-se nessa tensão como uma empiria possível; motor de um movimento constante da teorização no Interacionismo em Aquisição da linguagem¹¹.

Referências

AGAMBEM, G. **Infância e História. Destruição da experiência e origem da história.** [1978]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BENVENIST, E. **Problèmes de Linguistique Générale**, v. I e II. Paris: Éditions Gallimard, 1974.

CYRINO, S. **“Issues in second language acquisition.** Cadernos de Estudos Linguísticos, nº 36, 1999. p. 177-191.

DE LEMOS. **“Sobre a aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original.** Boletim da ABRALIN 3, 1982. p. 97-136.

_____. **“Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação.** Cadernos de Estudos Linguísticos, nº 42, 2002. p. 41-70.

_____. **“Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição de Linguagem”.** In: LIER DE VITTO, M.F. e ARANTES, L. (orgs.) *Aquisição, patologias e clínica de linguagem.* São Paulo: EDUC-FAPESP, 2006. p. 21-32.

¹¹ Essa questão foi amplamente discutida em Lier - de Vitto e Carvalho (2009).

FREUD, S. **Trois essais sur la théorie sexuelle**. [1905]. Paris: Éditions Gallimard, 1987.

GRIBINSKI, M. **Prefácio ao livro Trois essais sur la théorie sexuelle**, de Freud, S. Paris: Éditions Gallimard, 1987.

LENNEBERG, E. **The Biological bases of language**. New York: Wiley. 1967.

LIER-DE VITTO, M. F.; CARVALHO, G.M. **“O Interacionismo: uma teorização sobre a aquisição de linguagem”** em Finger, I e Quadros, R. (orgs.) Teorias de aquisição da linguagem. Florianópolis: editora UFSC. 2009.

PEREIRA DE CASTRO, M.F. **“Ainda a negação: indo mais além na interpretação”**. Cadernos de Estudos Linguísticos nº29, 1995. p. 27-38.
_____. **“Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança”** In: **Letras de Hoje** nº 112, 1998. p. 81-87.

PEREIRA DE CASTRO, M.F. **“Sobre o (im)possível esquecimento da língua materna”**. In: LIER DE VITTO, M.F.; ARANTES, L. (orgs.) Aquisição, patologias e clínica de linguagem. São Paulo: EDUC-FAPESP, 2006. p. 135-148.

_____. **“Sobre a constituição dos corpora no campo da aquisição de linguagem**. *Organon*, n. 46, v. 23 p. 15-25, 2009.

_____. **“Saussure e o necessário esquecimento da fala infantil: uma leitura para a aquisição de linguagem”**. Cadernos de Estudos Linguísticos, nº 52(1), 2010. p. 91-102

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. [1916]. São Paulo: Cultrix, 2008.

_____. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SULLY, J. **Studies of childhood**. [1895]. London: Longmans Green, 2000.

VORCARO, A. **A Criança na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.